

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

HÁ dias, encontrando-nos com um grupo de amigos á porta dum estabelecimento da Calçada da Ajuda, acercou-se-nos um rapazinho, que não terá mais de 6 anos de idade, lamuriando, pedindo esmola. Interessou-nos de veras o pequeno, a quem interrogámos, respondendo-nos que seu pai, de quem nos deu o nome, se encontra tuberculoso e mora na Travessa da Madresilva. Disse-nos mais: que o pai, tinha estado na guerra e que ele, pedia esmola, para lhe levar.

Não indagámos da veracidade do caso. Porém, no dia seguinte de manhã, quando aguardávamos um eléctrico na Rua da Bica, reparámos que o mesmo petiz, rebuscava num caixote de lixo, qualquer coisa para roer, em feroz concorrência com os cães. E não deixámos que ele comesse um bocadinho de pão, que havia encontrado. Comentários, que os faça o leitor.

OBTEVE aprovação no exame de instrução primária, o menino Carlos Joaquim Lopes de Sousa, filho do nosso querido amigo e colaborador Carlos de Sousa, e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Helena Lopes de Sousa, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

TEM tomado grande incremento o novel Grupo Atlético «O Relâmpago». É mais uma colectividade desportiva na nossa freguesia. Vão os nossos melhores aplausos, para os bravos rapazes componentes do grupo, pelas merecidas vitórias que têm alcançado no torneio de football que actualmente disputam, e em que estão classificados em 2.º lugar.

Tenciona a sua Direcção realizar nos próximos dias 13 e 14 do corrente, brilhantes festas, no Club Musical 1.º de Janeiro de 1901, gentilmente cedido pela Direcção desta prestimosa colectividade. Agradecemos a amabilidade do officio que nos foi enviado, e fazemos votos pelas maiores prosperidades do joven grupo desportivo.

28 DE JULHO

Distraidamente, ao transitar pela Travessa da Boa-Hora, á Ajuda, olhando para o magestoso Bairro — que dizem chamar-se Económico — três perguntas sugeriram espontaneamente ao meu espirito:

¿Porque não se cortam estes arames farpados e não se alugam estas casas?

¿Porque não se abre este pequenino mercado, há tanto e por muita gente reclamado?

¿Porque não se enche de água aquele depósito, muito alto e muito grande, . . . pasmo da garotada miúda?

Caturra, como o são a maioria dos velhos, é com bastante mágua que vejo votadas ao abandono, as casas de novo concluídas e as de novo restauradas.

O pequeno mercado não deve causar afronta a pessoa alguma, visto que, se algum dia o Bairro fôr habitado, não chega para abastecer metade da sua população.

O depósito cheio de água, embora o Bairro se conserve deshabitado, torna-se um poderoso auxiliar dos bombeiros, evitando desastres como aquele que infelizmente há dias se deu na Rua da Mãe d'Água (*parece ironia*) que sobressaltou a população cidadina.

Na época que decorre, terceira década do século XX, — Século da Electricidade e do Radio — época dos novos de espirito culto e liberal, época do trabalho e desenvolvimento humano, época do resurgimento nacional, — os velhos são postos de parte, porque, falhos de memoria e com a intelligência obscurecida nada fazem, nada produzem — e, a maioria, são *caturras*.

Honra-me neste momento o ser *caturra*, porque com a minha *caturrice* talvez alguma cousa consiga em favor dos habitantes deste infeliz burgo.

Com a ingenuidade de velho profecta, conjecturei que a abertura do Bairro se realizaria hoje (28 de Julho) por distar precisamente dois meses do dia marcado para a inauguração official.

Para mim, velho *caturra*, o dia 28 de Julho ficaria duplamente historico.

Em 28 de Julho de 1848, rasgam-se as trevas da velha cidade de Lisboa e a Luz apparece-nos com todo o magnifico esplendor, apesar de haver *caturras* incrédulos que tudo amesquinhavam e a Camara Municipal de então procurar embargos de forma a impedir a realisação desta obra maravilhosa, patrocinada pelo visconde de Oliveira.

Boquiaberta a multidão perante a magnificência da Luz do Gaz, maravilhada com tamanho e nunca visto espectáculo, gritava em unisono — «Entrámos no Século das Luzes».

Esta data, jaz no esquecimento por não haver um

(Conclue na página 6)

VOLTAMOS a chamar a atenção do Sr. Chefe da Policia da Esquadra da Ajuda, para o barulho infernal que a garotada faz ás portas dos estabelecimentos da Calçada da Ajuda.

Contamos que Sua Ex.^a preste este relevantissimo serviço, que muito agradecemos em nome das pessoas que se nos dirigiram.

ACABA de ser sujeita a uma operação, tendo obtido os melhores resultados, a filha do nosso prestimoso colaborador e grande amigo, Alfredo Gameiro.

A virtuosa senhora, encontra-se em vias de restabelecimento, com o que muito nos regosijamos.

PROMOVIDA pelo Grupo «Os capas negras», effectou-se ontem, na Esplanada Belém-Jardim, um sarau á americana, para o qual recebemos convite, que muito agradecemos.

FALECEU na Malveira, o Sr. José Duarte Resina, pai do conceituado comerciante Sr. Artur Duarte Resina, e tio do nosso querido camarada de redacção Francisco Duarte Resina. A toda a familia enlutada e em especial ao nosso companheiro de trabalho, apresentamos sentidas condolências.

POR Intarmos com uma grande falta de espaço, somos forçados a reter algum original, de entre o qual, um artigo do nosso prezado colaborador, Sr. António Maria Ribeiro, que publicaremos no próximo numero.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Santos & Brandão**CONSTRUCTORES****Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio****Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)**

TELEFONE B. 207

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:

**Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias.****142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA**

TELEFONE BELÉM 220

O Problema da Habitação

Por decreto-lei n.º 22:909, de 31 de Julho último, foi concedida uma subvenção para a construção de casas económicas, na importância de 20 mil contos, sendo esta atribuída em partes iguais às cidades de Lisboa e Porto.

E' efectivamente nestas duas cidades que tão momentoso assunto requer uma cuidadosa atenção porquanto, nada há que justifique existirem ainda autênticos pardieiros nas duas mais importantes cidades do país, que não passam de verdadeiras fábricas de doenças que fulminam a população a esmo!

Na capital da República este assunto merece particular atenção visto que, quasi no coração da cidade existe um bairro que há muito implora a visita da picareta e do camartelo, o qual é o conhecido pela Alfama.

Na nossa freguesia abundam também casebres destinados a habitações de seres humanos que pedem misericórdiosamente a mesma sentença, por constituírem autênticos focos de infecção.

Tem-se condenado o bairro da Liberdade e outros, mas nesses, o ar e a luz são recebidos a jorros, o que não acontece nos casebres da nossa freguesia.

Há que pensar a sério na execução deste problema, de molde a não se cair na mesma situação em que caiu a iniciativa dos bairros sociais de tão desastrosas consequências.

Encontra-se concluído o bairro económico da Ajuda mas, não se sabe ainda as condições em que êle vai ser alugado, e julgamos não andar muito longe da verdade, se dissermos que de económico só terá o nome.

Embora a nossa afirmativa pareça um paradoxo, ela constitue uma autêntica realidade, desde que se faça o seguinte raciocínio:

Um operário que, em média, auferir de salário diário 15\$00, nos 27 dias úteis, durante o mês, ganhou 405\$00.

Tomando como verdadeira a informação que corre, de que as casas do bairro da Ajuda serão alugadas á razão de 20\$00 por divisão, a renda a pagar será (para uma casa com 5 divisões), de 100\$00 mensais. O morador fica com 305\$00 para se governar todo o mês, tendo ainda que entrar em linha de conta com o que tem de pagar ao médico e á farmacia e outras despesas eventuais a que não pode fugir.

¿Onde está pois a economia das casas do bairro?

Construam-se casas cujas rendas sejam estipuladas proporcionalmente ao salário que o operário recebe, para que se não diga que os bairros económicos só servem para nelles irem viver famílias que disfrutam uma situação económica que fica pouco á quem dos burguezes de verdade.

Mas, tais construções dirigidas por entidades officiais, não têm provado bem em vários países, inclusive no nosso, razão porque se nos afigura que as boas intenções do governo serão altamente prejudicadas.

Sómos de opinião que devia, neste caso, seguir-se o critério adoptado nalguns países, ao qual faremos referência num próximo artigo, se artigo se pode chamar ao que aí fica.

*Agostinho António.***Dr. A. Martins Leitão Junior**Interno do Serviço de Pediatria
dos Hospitais Civis**Doenças das Crianças - - Clínica Geral****Consultas diárias ás 18 horas****FARMACIA FIGUEIREDO****C. da Ajuda, 44****Telef. B. 489****REFLEXÕES****Conversa simples**

Há poucos dias encontrava-me conversando com uma pessoa daquelas com quem mantemos relações apenas de protocolar cortesia. Versávamos diversos problemas de ordem social e económica: queda da libra, inflação do dolar, seguros sociais, justo salário, etc. A propósito da crise aguda que atravessa a nossa indústria, dizia o meu interlocutor:

— Em determinados sectores da indústria portuguesa é desgraçada a concorrência estabelecida entre os próprios produtores. Na indústria de fundição de ferro, por exemplo, é tão acentuado o desnível da oferta dos produtos, que o Norte coloca a sua produção a preço vil, pela razão de ter os seus operarios trabalhando por dia 14 horas, ao preço das oito horas normais de trabalho.

Atalhei eu que, o que faziam os industriais do Norte, além de ser um erro inqualificável de visão era, mais do que um desrespeito ás leis do país, um crime — um verdadeiro crime — obrigar-se homens como nós, a trabalhar naquele duro mister tão longo período, como se máquinas fossem.

O meu amigo, filho dum industrial e industrial também, não compartilhou da minha opinião — crime, crime... não é bem assim. Há uma certa razão. Agora no verão, por exemplo, um operário pega o trabalho ás oito horas. A's cinco larga. O que faz depois? Não faz nada — ou então vai para a taberna. Ora, se há-de ir para a taberna, onde só gasta dinheiro e nenhum beneficio colhe, então é justo que trabalhe, que se obrigue a trabalhar mais tempo.

Eu quedei-me assombrado da lógica simples daquele argumento. Disse simplesmente:

— Olhe, meu amigo. Nesse ponto estamos colocados num campo ideológico tão oposto que não é possível sequer a tentativa de um entendimento. A sua opinião é pessoal — é sua. A minha é tão diferente, que sobre esse assunto não posso nem quero discutir com o meu amigo.

*Afonso Aço.***A Favorita da Ajuda**

DE

ANTONIO DAS**147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA**Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros**Vinhos recebidos directamente de Arruda****LIBANIO DOS SANTOS****VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS****206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA**

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

EXCURSÃO A ÉVORA

Aproxima-se a data em que o nosso jornal efectua a sua anunciada excursão a Evora, marcada, como é do domínio dos nossos leitores, para o dia 3 de Setembro próximo.



EVORA - Vista Parcial

Satisfazendo muitos pedidos, e, conforme o prometido no último número de «O Comércio da Ajuda» damos hoje alguns informes sobre a organização do passeio:

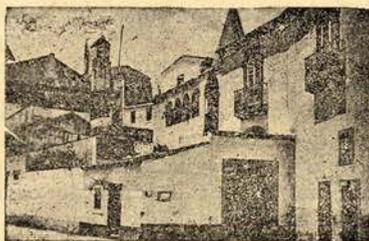
A partida efectuar-se-há do pontão de Belém, em vapor expressamente fretado, ás 3 horas da madrugada, fazendo-se a saída dos auto-carros, de Cacilhas, ás 4 horas em ponto. A chegada a Evora deverá verificar-se entre as 8 e as 9 horas da manhã, o que permitirá aos excursionistas a permanencia de, pelo menos, 10 horas nesta cidade.

Áparte os museus Regional e Ar

queológico, bem como a Biblioteca Pública, que se encontram sempre encerrados ao domingo, tudo o que em Evora existe digno de ser visitado estará á disposição dos excursionistas, mercê do dedicado auxilio que a Comissão de Iniciativa local tem prestado á nossa empresa. O sr. Bento Rosado, guia-interprete oficial daquela Comissão, ofereceu-se mesmo, pessoalmente, para acompanhar os visitantes.

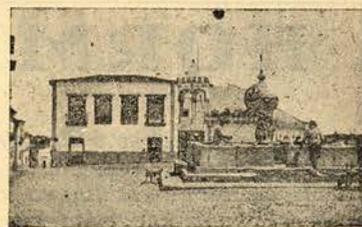
O jornal de Evora «Democracia do Sul», onde contamos amigos dedicados, também patrocina a nossa excursão, tendo já feito, nas suas colunas, uma apreciavel propaganda do passeio.

Um dos maiores atractivos da excursão consiste no desfile, sôbre a madrugada, pelos maravilhosos caminhos do trajecto, permitindo ao excursionista admirar alguns dos mais grandiosos panoramas do nosso país.



EVORA - Casa Soure

O número de inscitos já vai além duma centena. Conforme dissemos no último número, muitas pessoas têm manifestado o desejo de se inscrever, pagando as suas quotas duma só vez.



EVORA - Chafariz das Portas de Moura

Prevenimos essas pessoas, bem como aquelas que têm as suas quotas em depósito, de que deverão efectuar o seu pagamento até ao dia 15 do corrente, alim de contarmos em definitivo com elas.

Os lugares nos carros serão numerados e sorteados, de maneira, porém, que todos fiquem absolutamente satisfeitos.

O regresso far-se-há no mesmo dia, de maneira a estarem os excursionistas em Cacilhas, aproximadamente á meia-noite, donde o mesmo vapor expressamente fretado os conduzirá ao pontão de Belém.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 - LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 - LISBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, T. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

A PRIMOROSA DA BOA HORA

SALÃO DE BARBEIRO E CABELEIREIRO

Primoroso serviço por pessoal habilitado

Travessa da Boa Hora, 57 - LISBOA

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. - Ferro novo e usado. - Ferragens. - Máquinas agrícolas e industriais - Tubos de ferro fundido e laminado. - Ferragens para construção e marcenaria. - Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 - Telef. B. 83

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ido fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 552, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

HORMUZ E AKRIMON

O trecho que vai ler-se é da autoria do escritor judeu I. L. Percec e escrito originalmente em língua judaica, depois traduzido para Esperanto. Esta língua difere totalmente do antigo hebraico; assemelha-se muito ao alemão, sendo até considerada como «calão» desta língua.

Atentas as actuais perseguições aos judeus na Alemanha, os leitores acharão, como nós, uma certa oportunidade na conclusão desta pequena lenda.

Segundo a crença dos persas existem dois deuses: Hormuz, o bom deus, o qual cria apenas luz, compaixão, sabedoria e outras qualidades para a necessidade humana; o segundo deus é Akrimon, mau deus, o qual quer destruir tudo o que é bom, ama a treva como a toupeira ou o morengo, é cruel como Torquemada e é amigo dos parvos — numa palavra, dum tal deus nos livre deus. Vós próprios compreendeis que, se não existisse Akrimon, o mundo seria um Eden: os homens viveriam como irmãos gémeos e até os esposos não

desejariam mal um ao outro; os homens iriam pelas ruas e não procurariam negócios nem intrujices, mas apenas virtudes e benemerências; gritar-se-ia: «quem está nu, venha e nós o vestiremos; quem tem fome, venha e nós o alimentaremos; quem tem sede, venha e nós lhe daremos a beber água, vinho ou champagne... conforme a vontade!»

As espósas não trariam nas cabeças penas de aves mortas só com êsse fim! Reinaria apenas o bem, bem e bem!

Pelo contrário, se existisse apenas Akrimon, todo o mundo seria um inferno, que nadaria como um navio num mar de sangue humano e que espalhariá o odor e fumo de carne humana assada, estofada e fumada...

E se o mundo não é gehena nem eden; se desaparecem os autos de fé e os canhões não cessam de disparar; se há um parlamento da Paz na Haia assim como guerras; se há congressos mundiais e chovinismo, etc. — é porque Hormuz e Akrimon existem ao

mesmo tempo e lutam um contra o outro.

Isto sei eu não só por livros persas, mas também por um conhecido meu, um velho persa, o qual mora vis-à-vis na mesma casa; tomei conhecimento com êle por acaso e estamos sempre juntos e íntimos como dois irmãos fiéis... Quando nos encontramos, saúdamo-nos cordealmente um ao outro:

— Como passa o seu parvalhão? (1) pergunta êle com um sorriso.

Por agora está quieto, respondo eu. E como passa Hormuz?

— Ele vencerá! diz com apurmo o persa. Ele deve vencer!

E o velho otimista com a certeza, limpa o nariz, esfrega toda a cara com um lenço de foulard vermelho, o qual era suficiente para servir de estandarte ao bom deus Hormuz.

Mas, uma vez o persa não estava bem certo.

— Quem sabe, diz êle; quem sabe? Akrimon é esperto, um estrategista esperto!... Até quando Akrimon aber-

(1) E' o nome porque popularmente se designa Akrimon.

Farmacia

SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas
médicas
diárias

Serviço
nocturno ás
quintas-feiras

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafrá)

tamente batalhava contra Hormuz, eu estava certo que Hormuz venceria e triunfaria num dia, após o qual nunca mais viriam as trevas! Mas notei...

— O que notou? perguntou eu.

Sentámo-nos num banco (era um belo dia de verão e estávamos num jardim) e o velho persa geme:

— Eu notei, diz êle, que Akrimon mudou a sua tática e efectivamente já se tornou perigoso... Ele trapaceia! Ele mascara-se! Faz-se humilde ante Hormuz, diz palavras doces de mel e engana-o, da cabeça até aos pés... Hormuz, o bom, deixa-se enganar...

— E' possível? perguntou eu.

— Oíça, responde o persa: vou dar-lhe alguns exemplos da sua tática.

«Antigamente, por exemplo, quando Hormuz queria surpreender o mundo, dar prazer, e criava uma admirável mulher bela, vinha Akrimon e apesar de tudo tocava-lhe com a mão impura a fronte, a face, e basta: crescia-lhe logo um corno, lepra...

Mas o que é que êle conseguia? Hormuz via logo tudo, enviava um raio do seu favor: o corno desaparecia, a lepra desaparecia e a beleza tornava-se ainda mais bela, mais modesta e mais estimável... Mas agora Akrimon procede doutra forma: faz como se esti-

vesse feliz e contente com tudo que Hormuz faz!

«Ele vest-se de fraque e chapéu alto, mostra-se diante da mulher e diz com um doce sorriso:

«— Senhora (ou menina), dou-lhe parabens pelo favor do meu senhor Hormuz! Mereceis isso... todo o mundo deve ajoelhar ante a vossa beleza imortal!...

«E pronto! Da beldade faz-se uma coquete, serpente venenosa...

«Hormuz, por exemplo, acorda uma vez e descobre que um pobretão difficilmente trabalha e não tem meios de vida. Ele tem um bom coração, dinheiro nos tesouros tambem não falta, agarra nalguns coqueques e deita-os para baixo, para o pobre...

«Antigamente Akrimon enviava bandidos, ladrões para arrebatar do pobre o presente do deus bom, mas isto não dava resultado, porque Hormuz começava a dar, a dar, a dar!...

«Mas agora Akrimon age de maneira diferente, Hormuz deu ao pobre alguns coqueques — muito bem! Ele concorda tambem com Hormuz; pelo contrário, isso é para êle um bom exemplo; êle tambem quer ser bom! E deita ao pobre um embrulhinho cheio de moedas de ouro! O pobre

faz-se rico, o dinheiro multiplica-se, e tanto mais quanto mais magnético êle se torna, quanto maior se faz a paixão por êle! E o tornado rico, entre os pobres, já não pode ser feliz! Já nem tranquilamente pode dormir... os pobres, em volta, ainda estão muito mais inquietos!... Assim consegue Akrimon o seu fim!

«Hormuz quer dar um presente a alguém, por exemplo força, coração de leão! Essa pessoa será util para todo o povo e em todo o tempo!

«Dantes, quando Akrimon queria fazer perecer essa pessoa, mandava uma multidão de diabos para que a capturassem e a matassem, mas Hormuz não deixava; contra a multidão de diabos enviava uma multidão de anjos que expulsava os diabos de novo para o inferno e o herói era herói. Mas agora Akrimon procede de modo diverso: Hormuz dá força, Akrimon dá tambem mais alguma força, e o homem forte, abençoado por Hormuz, faz-se aventureiro, selvagem, porque a força exagerada o arrasta e, em vez de ser util, só produz os piores prejuizos!...

O sol está-se pondo e é tempo de o persa ir para casa; despede-se:

(Conclui na página 7)

FOI ai por 1816 ou 47 que o Sr. Sebastião Madeira regressou a Portugal, depois de vinte anos de negócios nas terras brasileiras. Para lá emigrara aos vinte e cinco anos, abandonando, cheio de esperanças, a sua

Segredo fatal

Por ALFREDO GAMEIRO

filhas dispõem. A pequena, nascida no clima quente do Pará, e por isso mesmo de natureza lânguida e sonhadora, não soube esperar a oportunidade almejada pelo seu progenitor, e entregou-se de alma e coração ao primeiro manuebo com quem se encontrou em contacto, e cujas palavras repassadas de ternura para todo o sempre a cativaram.

A feliz conquista daquela alma ingênua, coube a um rapaz, pintor modesto mas de reconhecida habilitação, que com outros operários foi encarregado de restaurar e decorar a casa que Sebastião Madeira adquirira para sua moradia na capital.

A brasileira, ao mesmo tempo que seguia com interesse o trabalho do artista, admirando a verdade e brilho com que, nas paredes da casa de jantar, êle aqui pintava um prado verdejante cortado por delicioso ribeiro, em cujas águas se romiravam os esguis salgueiros; ali punha o traço claro duma estrada que em curvas graciosas, dava acesso ao monte corado por poética e humilde capelinha; e mais além fazia sobressair, entre o casario branco de povoação risonha, o palácio de artísticas arcarias, cuja sumptuosidade denunciava a alta nobreza dos seus moradores; enquanto ella se extasiava perante estas manifestações daquele talento impressionante, sentiu os primeiros rebates do amor, que pouco a pouco a ia dominando, até de todo se lhe apoderar do sensível coração.

Quando o Sebastião um dia caiu das nuvens, porque alguém o informou do que se passava, sentiu-se invadido

por um despeito que o enfureceu. Procurou, todavia, dominar-se, e, com palavras a que tentava por todos os meios limar a aspereza, censurou á filha a asneira em que estava prestes a cair e só na pouca idade poderia ter desculpado.

Mas o Sebastião enganou-se. Resultaram vias todos os esforços para convencer aquella rapariga, a que a ardência do primeiro amor, e talvez a energia teimosa herdada do próprio pai, davam a força e constância necessárias para resistir a todos os argumentos, e até mesmo desprezar as ameaças d'aquelle que via assim desfeitos os seus sonhos de engrandecimento e prestigio.

— Emparveceste, com certeza!... Mas como demónio te deu volta ao miolo êsse maldito pinta-monos que não tem onde cair morto?

E quando a pobrezita já não encontrava palavras para responder ás invectivas, e por vezes até injúrias, que o pai lançava sobre ella ou sobre o seu bem-amado, era com lágrimas que protestava a sua enorme paixão, e a firme resolução em que estava de unicamente se entregar áquele que o seu coração elegera.

Perdida a esperança de levar a rebelde ao que êle chamava «boa razão», Sebastião Madeira converteu por outro caminho.

— O patife anda a fazer cêreo ao meu dinheiro... mas quando se convencer do que não estou disposto a deixar-me engolar, volta as costas e larga a prêsá. É tão certo como três e dois serem cinco.

Mandou chamar o pintor, e, mal o viu entrar, atirou-lhe com a maior rudeza as seguintes palavras:

— Se o que você anda a fazer, o fizesse há vinte annos, e nos sitios por onde andei, eu lhe afianço que o pagaria bem caro.

— Creio nada ter a pagar — redarguiu o artista — porque nenhum crime cometi.

— Acha, então, pouco e transformar o juízo duma pobre rapariga... com a mira no dinheiro que ella lhe pudesse levar...

— Perdão — interrompeu êle, magoado pelo insulto. — Se em tudo isto há um longo, não sei em com certeza, que involuntariamente me deixei fascinar pelos encantos e pela bondade de sua filha. Mas se ella, innocente, accitou os meus protestos e corresponde á paixão que me avassalava; se está disposta a partilhar da minha pobreza em troca dum amor honesto e para sempre... guarde V. Ex.a o seu dinheiro. Enquanto o cêreo se não obscurecer e os braços me não caírem inertes, jámais lhe faltará o amparo e o sustento.

— Cantigas...!

E depois de pensar um momento, Sebastião acrescentou, desabrido:

— Pois casem... com um milhão de demónios! Mas fique você certo de que não vê um único real. Não andei vinte annos a trabalhar e a cortar fobres, para agora me deixar explorar pelo primeiro tratante que me appareça.

Apontou-lhe a porta com modo brusco, e dizendo ao mesmo tempo:

— Max não pense que a censa vai assim. Eu indaguei quem você é... e depois veremos.

De facto, passados alguns dias, Sebastião Madeira procurava obter noticias, perto da morada do pintor, de tudo quanto com a vida e passado d'êle se relacionasse. Ia na expectativa de achar pretexto sério para de vez o escorraçar; mas das informações da vizinhança appareu que razão alguma existia para o ter em mau conceito. Era honesto, trabalhador, não tinha dividas nem frequentava casas de má reputação. Quando á noite voltava ao seu quarto, passava horas e horas a estudar nos livros, ou a preparar os desenhos que lhe serviam de orientação para os trabalhos a executar.

Houve, é certo, que amadurece a uns amores que por algum tempo o tiveram preso a certa criatura, desaparecida um belo dia a caminho do Porto, na companhia de um sifaiete arruinado e falido.

Mas quem é que na juventude não teve alguma dessas aventuras passageiras, que apenas deixam a tênue recordação que o tempo se encarrega de apagar por completo?

— Perdão — interrompeu êle, magoado pelo insulto. — Se em tudo isto há um longo, não sei em com certeza, que involuntariamente me deixei fascinar pelos encantos e pela bondade de sua filha. Mas se ella, innocente, accitou os meus protestos e corresponde á paixão que me avassalava; se está disposta a partilhar da minha pobreza em troca dum amor honesto e para sempre... guarde V. Ex.a o seu dinheiro. Enquanto o cêreo se não obscurecer e os braços me não caírem inertes, jámais lhe faltará o amparo e o sustento.

— Cantigas...!

E depois de pensar um momento, Sebastião acrescentou, desabrido:

— Pois casem... com um milhão de demónios! Mas fique você certo de que não vê um único real. Não andei vinte annos a trabalhar e a cortar fobres, para agora me deixar explorar pelo primeiro tratante que me appareça.

Apontou-lhe a porta com modo brusco, e dizendo ao mesmo tempo:

— Max não pense que a censa vai assim. Eu indaguei quem você é... e depois veremos.

De facto, passados alguns dias, Sebastião Madeira procurava obter noticias, perto da morada do pintor, de tudo quanto com a vida e passado d'êle se relacionasse. Ia na expectativa de achar pretexto sério para de vez o escorraçar; mas das informações da vizinhança appareu que razão alguma existia para o ter em mau conceito. Era honesto, trabalhador, não tinha dividas nem frequentava casas de má reputação. Quando á noite voltava ao seu quarto, passava horas e horas a estudar nos livros, ou a preparar os desenhos que lhe serviam de orientação para os trabalhos a executar.

Houve, é certo, que amadurece a uns amores que por algum tempo o tiveram preso a certa criatura, desaparecida um belo dia a caminho do Porto, na companhia de um sifaiete arruinado e falido.

O certo é que Sebastião Madeira não encontrava mácula de que pudesse aproveitar-se para firmar a opposição séria que tanto lhe convinha.

Então, descoroado, e vendo que a filha se definhava e seria capaz de succumbir áquella paixão, não teve forças para impedir o desejado casamento. Mas, antes, entendeu dever definir a situação de todos os personagens que figuravam naquella peça que tanto lhe desagradava.

— Você casa — disse então ao artista enamorado — mas não vê as crizes ao meu dinheiro. Para ter a certeza de que a pequena não passa fome, estabelecei uma mesada em que você não tem direito a tocar. E mais nada. O dinheiro é muito men, posso fazer dele o que me apruver. Mas livre-se você de que aos ouvidos me chegou a noticia de qualquer tropelia que á rapariga dê desgosto. Ella volta para a minha companhia... e a você mando apañar pes de burro. Assim o quiseram, assim o tenham. Já que com a sua teimosia escangalharam os meus planos de futuro, nem durante a minha vida, nem talvez depois da morte se lambam com o que tanto me custou a ganhar!

E acompanhando as palavras com um violento gesto de ameaça:

— Olhe bem. Muito juizo. Eu cá estarei de atalaia... e á primeira escapadela, racho-o... fique certo de que o racho!

(Continua)

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retroceiro, Roparia m. Gravalria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

QUESTÕES DE TOPONIMIA

Antes de me ocupar da toponímia desta freguesia de Ajuda, tenho de abater uma impertinente *gralha* que levantou vôo na minha última crónica sobre a *questão das águas*.

Eu havia escrito *Phédro* — nome do liberto de Augusto, que vivendo no tempo de Cristo, se notabilizou como um fabulista mordaz, vergastando os homens e abusos da sua época.

As suas fábulas têm servido de modelo a fabulistas mais modernos, e são conhecidas de todos os rapazes que passam pelos liceus quer utilizando-as como livro didático na disciplina de latim, quer a ele vendo referências.

Mas o tipógrafo, levado pelo moderno hábito de supressão do *h* medial, e nunca tendo queimado as pestanas sobre o *Magnum lexicon*, entendeu dever suprimir aquela letra, convertendo o nome do célebre fabulista latino num vulgar *Pedro*, para espanto de todos os leitores que, certamente, não atinavam a que propósito vinha aquele sensaborão *Pedro*.

E agora que está liquidada a *gralha* estulta, volvamos á freguesia.

A toponímia de qualquer lugar público ou mesmo particular, não deve ser feita ao acaso, como quem tira sinas de qualquer açafate numa verbenha de caridade.

Há regras e princípios que não podem ser esquecidos pelos edis.

Já em 1922, o então vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, Eduardo Moreira, dizia num relatório

apresentado ao congresso municipalista: «Eu resumo, concluo que a toponímia é, em primeiro lugar, uma regra mnemotécnica. Se assim não fôsse, dev-riamos preferir o método americano dos numeros. Foi o povo que deu os primeiros nomes aos sítios para se recordar deles e faze-los recordar. Em segundo lugar, é um «monumento étnico» testemunhando usos, costumes, personagens, feitos, cultura e ética. chegando até a ser documento de incultura das vereações, se elas arbitrariamente a desdenham e transformam.

«As principais razões, senão únicas, que devem ser aduzidas para a criação de nomes novos são: a abertura de novas vias de comunicação em lugares incharacterísticos e a necessidade de obliterar determinados nomes de outros já existentes. Esta necessidade só existe quando tais nomes são execráveis para o povo, como será o de uma nação inimiga ou de um traidor, quando são sujos, obscenos ou reconhecidamente grosseiros, ou quando produzem confusão e prejuizo público».

Com a mudança de nome de qualquer via publica, colide não sómente a identificação jurídica dos prédios como a identificação historica do local.

Estabelecimentos antigos com fama criada, com as suas facturas e mais impressos e marcas registadas, sofrem grandes prejuizos com a mudança injustificada do nome da via onde se encontram; os prejuizos para as em-

prezas e sociedades de vário género, e mesmo para os particulares, embora menores, são também para serem tidos em conta.

No Regulamento do Registo Predial de 20 de Jseiro de 1898, que se deveu a Veiga Beirão, há um artigo que convém lembrar. E' o artigo 101.º, e diz: «As Camaras Municipais não poderão fazer alteração na denominação das vias públicas e na numeração policial existente, sem citação pessoal dos proqrietários de prédios descritos nas conservatórias a que a alteração diga respeito e das pessoas sobre os mesmos prédios inscritas». Parece-me que esta cautelosa previdencia da lei foi sempre letra morta.

A tradição popular tem uma grande força; e apesar de transformados pelas entidades officiais, certos nomes mantem-se na mente do povo — é o que acontece com o Rocio, o Terreiro do Paço, o Paço da Rainha, o Aterro, e tantos outros!

A cidade de Lisboa, tornou-se no decorrer dos seculos passados, numa espécie de calendario romano cheio de santos; no século XIX, com o crescer da cidade, vieram os conselheiros; a República tratou de mudar uns e outros para vultos nem sempre eminentes e datas várias de duvidoso interesse historico, que muito confundem aqueles que não são versados na historia dos numerosos movimentos revolucionários.

Depois foi uma consagração a inumeros vultos, alguns deles tão conhecidos como o *soldado-desconhecido*.

(Continua)

B. S.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril Calvár o, 1

Instalações eléctricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Ccmp.^{as} Rcu tidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Bôa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA**Gêneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496**28 DE JULHO**Continuado da 1.^a página

caturra que por ela pugnasse. Como esta, muitas outras, pululam na fraca memória dalguns velhos.

Substituíram-se nomes de ruas e praças por datas que se dizem historicas, mas em nenhuma delas consegui encontrar—28 de Julho de 1848.

O Bairro inaugurado no dia 28 de Julho de 1933, com a rua 28 de Julho de 1848, mostrava á população vindoura (e mesmo á actual) que a luz iluminadora dos portugueses do século XIX, é a mesma que inspira todos os que pretendem beneficiar os desprotegidos da sorte, luz que, principiando no século passado se estende pelo actual, colocando Lisboa a par das cidades mais lindas e modernas da Europa.

Perdeu-se a oportunidade e o Bairro da Ajuda continúa como anteriormente.

¿Como ganhá-la?

Transferindo a inauguração oficial para 28 de Julho de 1934.

Desculpem o péssimismo dêste caturra, que mais uma vez se deve enganar na profecia.

Melo Miguéis.

SONETO

Passei a mocidade ao desbarato,
Folgava e ria, ria sem piedade,
numa alegria própria da idade,
fresca e pura como água dum regato.

Gargalhava bem alto e sem recato,
num qu'rer forte de forte e audaz vontade,
sem me importar co'as leis da sociedade
que ao riso franco chamam desacato!

Como é longe êsse tempo decorrido
sem norma, sem ter lei nem preconceito
de riso aberto em túrbido alarido!

Agora que sou homem de respeito,
de certa idade, sério e comodido,
sorriu ás vezes, triste e contrafeito.

Raúl Leal.

DE RELANCE...

Ora até que enfim, conseguimos ser ouvidos, ao menos uma vez, nas nossas reclamações.

Já mandaram recolher aqueles móveis que estavam espetados pelas janelas do primeiro andar da casa onde está instalada a estação telegrafo-postal da Ajuda, e, se não puzeram os vidros foscos que pedimos, pregaram, no entanto, umas táboas nos caixilhos, que atenuam um pouco o mau aspecto que se notava.

Achamos nisso economia mesquinha, mas como nos dizem que é provisoriamente, porque a casa vai ser oportunamente demolida para alargamento e embelezamento da arteria que está entaipando, está bem.

E já agora pedimos vénia para alvitrar o seguinte: se quando a demolirem, não tiverem onde arrecadar os móveis que lá estão empilhados, façam o favor de mandar as cadeiras ou bancos, para a Recebedoria de Finanças do nosso bairro, onde fazem um grande arranjo aos contribuintes como nós, que, não podendo lá ir pagar as contribuições logo que abre o cofre, são forçados a passar ali longas horas, de pé, e em ridicula bicha.

E com isso praticarão, além duma prova de boa administração, um acto de humanidade, a que não regatearemos elogios.

Fresina.

Uma obra de solidariedade

Para a compra do aparelho de que carece a filha do nosso saudoso amigo Alfredo Machado, recebemos as seguintes importancias:

«O Comercio da Ajuda»	15\$00
Francisco Duarte Resina	10\$00
João Alves	10\$00
Francisco Gaspar	5\$00
Carlos de Sousa	5\$00
António Inácio Marques	2\$50
Anónimo	2\$50
Alvaro Ramos	2\$50
J. E. Farinha	2\$00
Luiz A. Luz	2\$50
Soma	57\$00

HORMUZ E AKRIMON

Continuado da página 5

— Ainda um exemplo lhe vou dar, diz êle levantando-se.

«O homem deve comer, apreciar a comida, e por isso Hormuz lhe cria o intestino; é necessario, sem êle não se pode viver! O que faz Akrimon? Já não corta o intestino do homem— junta-lhe o *intestino cego*, mais um pedaço! E êste bocado já é perigoso, já se sofre dele!

O persa foi-se embora e eu pensei: não tem êle razão? Hormuz dá-nos o sentimento para amar o nosso próximo, a nossa patria, o nosso povo, pelos quais trabalhamos, pelos quais nos sacrificamos. O que faz Akrimon? Exagera um pouco o sentimento, e do nacionalismo faz chovinismo, do nobre sentimento faz fanatismo, o qual não aquece nem brilha, mas arde na escuridão e pode mesmo queimar-nos!...

E convenci-me que o persa tinha razão.

I. L. Perec.

Trad. do Esperanto Costa Júnior.

FARMACIA FIGUEIREDO

42, Calçada da Ajuda, 44
TELEFONE B. 489

CONSULTAS MÉDICAS

pelos Ex. mos Srs. Drs.:

BARBIERI CARDOSO (Clínica geral)

Todos os dias ás 17 horas

FRANCISCO SEIA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Sábados ás 11 horas

MARTINS LEITÃO

(Doenças das crianças)

Todos os dias ás 18 horas

PINTO DA ROCHA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Todos os dias ás 19 horas

SCHIAPPA MONTEIRO

(Clínica geral e partos)

Segundas e sextas-feiras ás 15 horas

Serviço nocturno aos sábados

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escripturação comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Arma-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA—LISBOA

TELEFONE BELEM 517

A VENCEDORA

MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOS

DE
Alberto Ribeiro de Carvalho

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licores e seus derivados. Completo sortido em generos de mercearia.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)

Sucursal: **Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)**



A propósito da água que nos falta

A questão das águas é um assunto momentoso e de instante interesse para todos os cidadãos, mas em especial para os habitantes do laborioso bairro da Ajuda que, de há muito vem clamando, em vão, na esperança de ver atendidos os seus justos desejos, protestos e reclamações.

E se dizemos especialmente não é para pretender reivindicar qualquer vantagem exclusiva para esta freguesia, no que respeita ao fornecimento da decantada linfa. E' apenas para acentuar que, de facto, excepcionalmente, êste populoso bairro é talvez o único verdadeiramente sacrificado com a obstinada ausência dêsse precioso elemento.

Em successivos artigos, de muita erudição e manifesta competência para desenvolver eloquentemente tam importante tese, o nosso illustre colega de redacção, o Ex.^{mo} Sr. Coronel Bivar de Sousa, tem vindo a pugnar ardentemente e com persistência no atinente a esta racional melhoria, mas ainda não logrou a satisfação de ver atendidas no mínimo as reclamações apresentadas e que «O Comércio da Ajuda», por seu intermédio se tem feito eco traduzindo assim também as legítimas aspirações dos seus paroquianos.

* * *

Deve estar ainda bem patente na memória de todos aquele trágico acontecimento que, por um cruel paradoxo succedeu na Rua da Alegria.

Referimo-nos ao extraordinário incendio cujo início desastroso foi originado pela deflagração de matérias inflamáveis, nos armazens e laboratórios de verificação e colagem de fitas cinematográficas da firma Castelo Lopes e que, desenvolvendo-se assustadoramente, devastou em rápidos momentos alguns prédios limitrofes, atingindo ainda outros a respeitável distância do foco inicial.

Segundo abalisadas afirmações do illustre comandante do Corpo de Salvação Pública, os seus subordinados portaram-se abnegadamente, com inexcusável denodo e a costumada heroicidade, aliás, constatado pelo público e referido pela imprensa.

Mas não obstante o local do sinistro ser quasi pegado com o depósito e chafariz que a Companhia das Aguas ali possui, — e ao qual o vulgo denomina Mãe de Agua — foram necessários quarenta e cinco minutos, intermináveis, arrepiadores e enervantes para que as bocas de incendio deixassem escoar o liquido precioso para diminuir tamanha desgraça.

E' certo que a laia de elucidativa justificação se comunicou depois aos jornais que dada a circunstância da matéria inflamada se decompôr em gases deletérios e por isso tóxicos,

teria sido demasiado perigoso empregar água para debelar a colossal fogueira, visto que determinaria com êsse ataque o ficar o ambiente carregado de emanações perturbadoras.

Por isso o ataque directo a essa fornalha em laboração, onde se consumiram valores representativos da arte e vidas que a alma enternecida das famílias chora, mesmo que houvesse água em barda para evitar o seu desenvolvimento, seria preciso deixar primeiro consumir completamente quilómetros e quilómetros de fitas de celulóide para se proceder então ao corte do avanço, pois de contrario o que se afigurava de benefício seria simplesmente prejudicial.

Ora, sendo certo o que elementares conhecimentos de química fazem aceitar como razões atendíveis, não deixa também de ser lógico que para o local do sinistro derivassem logo as águas depositadas, muito antes do tempo em que chegaram, pois urgia proceder ás tentativas de extinção dêsse enorme brazeiro, sem cuidar de saber o que ardia — isso era com os técnicos — e isolando as propriedades que o fogo destruiu.

E' tanto assim era que, superiormente foi ordenada a captação das águas dos lagos dos Jardim Botânico e da Praça da Alegria, como medida competente de remediar o que faltava, por incúria duma Companhia que em trabalhos de captação de água leva eternidades a resolver, não passando até agora, de platónicas promessas todos os projectos ou intenções apresentados e que, afinal não deixam de ser interessantes hipoteses.

* * *

Imagine-se o que seria no Bairro da Ajuda um incendio, bem alimentado na combustão por qualquer circunstância eventual de momento, tendo a ateá-lo a brisa constante que envolve

o seu pitoresco sitio e a conjugar-se aos seus desígnios de destruição a falta de água que alanceia a população e a mortifica.

Seria uma enorme calamidade, horripilante. Visão tétrica, dantêscas a dêsse mar de fogo alastrando-se em infernal brazeiro, criando novas e ardentes ruínas, fazendo subir ao infinito em espessos róis de fumo carregado, trágico asfixiante os haveres que se perdiam e marcando nas almas de cada um a revolta impotente ou o queixume doloroso pelo criminoso abandono a que estão votadas milhares de famílias, sedentas dum bem natural que só hão-de alcançar quando os grandes magnates dessa poderosa Companhia entenderem.

Alexandre Settas.

O Povo da Ajuda não tem água

A quem de direito, pedimos providências imediatas para a falta de água que dia a dia se vai acentuando na nossa freguesia.

E' ver a bicha interminável de bilhas, que aguardam a sua vez, junto dos marcos fontenários.

A's autoridades da Ajuda compete prestar um pouco de atenção a êste melindroso assunto, que pode até acarretar uma grande desgraça, em caso de incendio.

SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória - Ajuda - Telef. B. 124

Dias 5 e 6 — **A Filha do Regimento**
(o melhor filme de Anny Ondra)
e **Um homem sem nome**

Dia 7 — **Diplomata para senhoras**
(Clas opereta cheia de vida e alegria)
e o filme dramático **Casa desfeita**

Dia 10 — Os filmes de aventuras
Um filho da América, Vaqueiro á força e O Az dos Corredores

Dias 12 e 13 — **O Exilado**,
grandioso super-filme, **A Divorciada**,
com Norma Shearer, e o filme cómico
Olha o Papá

Na Matinée do dia 13:

O mesmo programa.

Dia 14 — **Grandiosa Estrela**

Dia 17 — **Os meus meninos**
Filme de grande classe, com M. Dressler
e **Homens de ferro**, com Lon Chaney

Dias 19 e 20 — **Ele ou eu**
Filme de aventuras, com Harry Piel
Mam. Nitouche, com Anny Ondra
e **Estalagem Misteriosa**

Na Matinée do dia 20:

O mesmo programa.

Preços populares: Balcão 1.ª fila, 2\$50; Balcão, 2\$00, 1.ª Plateia 1\$50; 2.ª, 1\$00
Todos os lugares são numerados